ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A POESIA FUTURISTA DE ÁLVARO DE CAMPOS EM "ODE TRIUNFAL"

WIDEMARA DIOGO LERMINO

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

Turma 2002/1

Ex. 02

ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A POESIA FUTURISTA DE ÁLVARO DE CAMPOS EM "ODE TRIUNFAL"

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT/ Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito final para a obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientador: Pof. José Maria de Sousa

Pontes e Lacerda – MT, agosto de 2002

Dedico este trabalho à minha mãe que muito me ajudou durante esses anos de batalha e também ao Pastor e Psicólogo Gilmar de Araújo Marques, pelo incentivo e apoio.

Agradeço a toda a minha família por acreditar em mim, à instituição UNEMAT juntamente com todos os docentes que de alguma forma prepararam-me para a futura organização deste trabalho, em especial ao professor e orientador José Maria de Sousa.

"I know not what tomorrow will bring"

(Fernando Pessoa)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....07

CAPÍTULO I

O Movimento Modernista em Portugal.....10
1.1 – As vanguardas Artísticas Européias.....11

CAPÍTULO II

FERNANDO PESSOA, UM POETA INVENTOR DE POETAS.....16
2.1 – Os Heterônimos.....16
2.2 – O Sensacionismo.....19
2.3 – A Abstração.....20

CAPÍTULO III

A IMAGEM DA VIDA MODERNA EM ODE TRIUNFAL: ENTRE A EUFORIA E A FRUSTRAÇÀO 23

3.1 – A Estrutura da Poesia 30

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....31

VI –BIBLIOGRAFIA.....32

VII – ANEXOS.....33

INTRODUÇÃO

São inúmeras as tentativas de definição entre poema e poesia. Ao mesmo tempo em que se julga ser coisas ser coisas distintas, apresentam-se também como coisas identificadas. Ao definir poema e poesia, o poema apresenta-se menos controvertido do que a poesia.

Percebe-se que a poesia, independe do poema para subsistir. Ou seja, a poesia é algo que já existe como uma substância imaterial, que o poeta, através do uso dos sentimentos, concretiza em palavras, suas idéias, resultando no poema. Esse, por sua vez trata-se, então, da captação do abstrato, objetivando ao concreto, através da linguagem escrita, ou não.

Ao objetivar a poesia, o resultante, o poema, poderá ser construído dentro de um determinado ritmo, canto ou metro, e ainda, ser livre da composição métrica tradicional, sendo que um dos exemplos é a composição da poesia futurista.

A poesia futurista tem por objetivo romper com as regras preestabelecidas da métrica tradicional, para firmar-se dentro de uma perspectiva moderna de compor versos livres, sob uma ótica objetiva voltada para a contemporaneidade a fim de cantar o novo. A poesia futurista surge no final do século XIX, quando a Europa passava por grandes transformações, época de conquistas importantes na área tecnológica, quando surge a era da máquina, com o advento do automóvel, o telégrafo sem fio e da eletricidade.

Por outro lado a Europa, no início do século XX, mergulhava num clima de desconfiança que surgiu através da crise socioeconômica causada por disputas por

mercados e recursos naturais chegando a grandes conflitos entre as nações. Dentro desse contexto, a poesia futurista rompe com o modelo tradicional, e nesse momento ela passa a exprimir a máquina, que passa a ocupar um lugar de destaque na vida da nova sociedade emergente. Nesse sentido, a poesia futurista canta a beleza e a euforia da máquina, que representa a força do trabalho, da produção e do progresso. A máquina que ora se instaura, rompe com toda a antiga estrutura de produção e passa a dar novos rumos a esse mercado, gerando um crescente desenvolvimento do capital no mercado consumidor.

Esperamos que esta pesquisa poderá fornecer subsídio para uma análise do poema *Ode Triunfal* considerado por Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro como um verdadeiro modelo da poesia futurista. Com esse poema Álvaro de Campos passa a ser considerado o mais moderno dos heterônimos de Fernando Pessoa.

Acreditamos que o assunto desenvolvido é de grande relevância para os interessados em compreender melhor a produção de Fernando Pessoa ou a Literatura Portuguesa. Considerando a importância histórica do surgimento da poesia futurista e os elementos que ela propõe, a especial finalidade dessa pesquisa será de averiguar o poema *Ode Triunfal* como representante da poesia futurista.

Considerando o tema proposto, *A Poesia Futurista de Álvaro de Campos em Ode Triunfal*, deve-se ressaltar a fase futurista, que se refere a uma poesia dinâmica, que exalta a máquina e o progresso, o movimento e a força bruta. O poema Ode Triunfal acabou sendo o melhor modelo da poética futurista pelo apresentar todos esses elementos, ou seja, uma escrita em versos livres, sem uso de rimas, apologia ao maquinismo e às coisas da modernidade.

CAPÍTULO I

O MOVIMENTO MODERNISTA EM PORTUGAL

Os espíritos vanguardistas contaminam o mundo no início do século XX e notadamente contamina também Portugal que vive uma crise interna. No final do século XIX, nos anos de 1890/1891, a Europa sofria uma grande crise, e que em Portugal essa se tornou mais grave por rigorosas tensões internas, pois o exército português foi atacado em terras africanas pelos britânicos, o que fez a monarquia portuguesa cair no descrédito até ser proclamada República.

A República enfrentou violentas e sucessivas crises que foram agravadas por desentendimento com as colônias inglesas e também pela I Guerra Mundial. Essas crises ocorridas durante os primeiros dez anos de república fizeram com que a nação portuguesa gerasse um profundo sentimento nacionalista que teve nesse período uma corrente literária que se instituiu "Saudosista", e foi a mais ativa naquele período e tinha como órgão representativo a revista "A Águia", que durou de 1910 a 1932. Os que compunham esta corrente, viam no saudosismo uma forma de reconquistar a glória lusitana, o qual evocava o passado, o império, o *Sebastianismno* e as grandes navegações.

N revista *A Águia* trabalham juntamente, Teixeira de Pascoaes, Raul Leal, Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa, entre outros. Pessoa prenunciava numa

série de artigos portugueses, uma nova civilização européia, de caráter lusitano, onde diz: *Deve estar para muito breve o aparecimento do poeta supremo da Europa, de todos os tempos (...) e a nossa grande raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas daquilo de que os sonhos são feitos*. Os que colaboravam na revista, ao tomarem contato com as vanguardas européias, superaram o saudosismo e evoluíram para o Modernismo.

Com uma nova consciência,l os integrantes da revista "A Águia", juntam com outros novos talentos e fundam uma revista trimestral denominada "Orpheu", considerada o marco inicial do Modernismo português, o que levou Portugal a integrar-se culturalmente com o restante da Europa, pois lançou armas contra o imobilismo e o atraso cultural. Essa nova forma de criar visava conscientizar da necessidade de uma revolução cultural no país.

1.1 -- As Vanguardas Artísticas Européias

Para entender melhor a poesia futurista, necessário se faz conhecer as Vanguardas Artísticas, uma vez que essas rompem com o passado para firmar-se num presente inovador. Segundo OLIVEIRA (1999: 377),

> *"O termo vanguarda designa aquilo que é pioneiro, aquilo que está à frente, o fator revolucionário, inovador, que propõe uma nova ótica, um novo modo de expressão. As vanguardas geraram a modernidade e tiveram Paris, Florença, Nova York e Berlim como principais pólos de irradiação."*

No início do século XX, a Europa passava por grandes transformações. Nessa época o mundo estava alcançando conquistas significativas que alteravam profundamente o comportamento dos homens, como a eletricidade, o telégrafo sem

fio, o rádio, o cinema, o automóvel, trazendo com isso um redimensionamento quanto às noções de tempo e espaço. OLIVEIRA (1999:376), afirma que:

> *"Os anos que a antecederam a I Guerra foram chamados de 'os anos loucos', a belle époque, tempos do charllston, das festas, do champagne bebido nos sapato; as mulheres aderiam à ousada maquiagem da boquinha em coração, dos olhos de contorno negros, passavam a usar saias escandalosamente curtas, e cabelos também curtos, antes usados somente pelas prostitutas."*

Percebe-se que apesar de toda essa euforia vivida pelos europeus nos primeiros anos do século XX, ressalta-se um clima de descrença gerada pelas crises na área socioeconômica causada por disputas por mercados e recursos naturais, chegando a grandes conflitos, como a I Grande Guerra que durou de 1914 a 1918, ceifando a vida de cerca de 20 milhões de pessoas e a Revolução Russa de 1917 que transformou aquele país na maior nação socialista do mundo.

A partir deste contexto fez-se uma grande revolução cultural com poucos precedentes de grandeza. A perspectiva, a noção, o conceito de arte e de beleza foram completamente transformados. De 1909 a 1924 sucederam-se movimentos e manifestações artísticas sob a denominação genérica de vanguardas. OLIVEIRA *appud* TELES, situa as vanguardas da seguinte forma:

> *"(...) De um modo geral, todos esses movimentos estavam sob o signo da desorganização do universo artístico de sua época. A diferença é que uns como o .futurismo e o dadaísmo queriam a destruição do passado e a negação total dos valores estéticos presentes; e outros, como o expressionismo e o cubismo viam na destruição a possibilidade de construção de uma nova ordem superior (...) (...) Se o futurismo e dadaísmo representam a destruição, a fase microscópica da poesia, o expressionismo e o cubismo (...) representam a construção, o todo mágico das coisas, a beleza interior e só é percebida na recomposição simbólica a que se reduzem os elementos culturais da humanidade. E é precisamente nessa redução q,eu se opera a grande contribuição poética das vanguardas européias, porquanto destruição e construção se apresentam afinal, como duas faces de uma mesma realidade: a expressão ordenada ou caótica do*

universo, seja ele o mundo exterior ou a dimensão psicológica da vida interior. Daí o papel essencial desempenhado pela linguagem."

Dentre as vanguardas, destaca-se o ,futurismo que tem como precursor Fillipo Tomaso Marinetti, egípcio de ascendência italiana e de expressão francesa. Criou-se em Alexandria e foi para Paris aos dezessete anos. Estudou na Sourbonne, freqüentou as rodas boêmias e fez amigos no mundo político intelectual. Aos vinte e nove anos estava em Milão onde fundou uma revista chamada "Poesia", que foi um marco revolucionário na literatura italiana.

O futurismo é a primeira das tendências modernistas. A proposta fundamental de Marinetti é a rejeição ao passado, ao academicismo, a destruição das tradições, a fim de exprimir artisticamente o dinamismo da vida moderna. Em 20 de fevereiro de 1909, Marinetti publicou uma série de manifestos futuristas. Os manifestos futurísticos cantavam o amor ao perigo, o apego à eletricidade, como sendo a coragem, a audácia e a revolta, elementos essenciais dessa poesia.

A poesia futurista visava exaltar o movimento agressivo, a bofetada e o soco, o salto mortal, a insônia febril, a fim de romper com a então literatura que enaltecia a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono. A velocidade era cantada como a nova beleza que enchia o mundo de esplendor. As forças desconhecidas, eram intimadas a deitarem-se diante do homem, através de uma poesia de caráter agressivo e violento. A glorificação da guerra, o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutor dos anarquistas, as idéias que matavam e o menosprezo à mulher, eram temas dessa nova poesia. Os ataques demolidores à museus, bibliotecas, o combate ao moralismo, ao feminismo e oportunismos, faziam parte do manifesto que visava romper definitivamente com o passado.O louvor às grandes multidões movimentadas pelo

trabalho, às revoluções nas capitais modernas, às locomotivas, aos aeroplanos, enriqueciam de glória a poesia futurista.

Essa inquietação intelectual não permaneceu somente nos manifesto do futurismo. Fizeram parte desse movimento revolucionário, outras vanguardas como: o Expressionismo, o Cubismo, o Dadaísmo e o Surrealismo. Sendo o cubismo e cubofuturismo, movimentos influenciados pelo futurismo.

O primeiro manifesto futurista é datado de 1910, mas desde o final do século XIX, artistas como Van Goghe Cézzane, entre outros, já manifestavam essa tendência.

O termo "expressionista", primeiramente foi usado pelo pintor Julien-August Hervé, em 1901, para distinguir seus quadros. A obra expressionista tem por objetivo expressa tem por objetivo expressar, através de um ponto de vista interior, o que de mais característico existe num objeto. O expressionista, através da caricatura, deforma a realidade por acreditar que isso põe em evidência o que deverá ser primordialmente levado em consideração numa pessoa, coisa ou situação.

O cubismo estendeu-se de 1907 a 1914, o qual negou a tradição clássica para trabalhar com fragmentos metonímicos a produzir montagens e colagens sobressaindo as formas geométricas. Criam-se múltiplas perspectivas que dá a impressão que um objeto pode ser visto sob todos os ângulos ao mesmo tempo. Os principais nomes na pintura são: Pablo Picasso, Léger, André de Lothe, Juan Gris e Georges Braque.

O movimento dadaísta (Dadaísmo), surgiu em várias cidades ao mesmo tempo, mas foi em Zurique, Suíça, que esse tomou forma. Sua proposta é a destruição dos valores burgueses, crítica feroz à sociedade; desprogramação da arte de qualquer premeditação; mistura de pessimismo com ingenuidade.

Gide define o dadaísmo da seguinte forma: "Dada é o dilúvio após o que tudo começa". Para Tristan Tzara, seu principal mentor, não significa nada e por isso teria sido adotado.

O Surrealismo surgiu em 1924, na França, quando André de Breton, dissidente do dadaísmo de Tzara, lançou o manifesto do Surrealismo, ao mesmo tempo em que publicou o primeiro número da Revolução Surrealista e abriu um escritório para investigações oníricas.

O surrealismo propõe que a arte flua livremente a partir do inconsciente, da livre associação, incorporando elementos do ilogismo, do sonho, da fantasia, não se submetendo à nenhuma teoria vigente, a nenhuma lógica. Na literatura preconizou a "escrita automática" que deveria ser derramada sobre o papel como um fluxo do mundo interior. Portanto, a maior ruptura está no surrealismo que se auto-define no sentido de transformar o mundo afastando-se da reprodução "naturalista" da realidade.

CAPÍTULO II

FERNANDO PESSOA, UM POETA INVENTOR DE POETAS

Fernando Antônio Nogueira Pessoa, nasceu em Lisboa em 1888. Órfão de pai ao cinco anos, parte para Durban, na África do Sul, em .companhia da mãe e do padrasto. É lá que realiza os estudos secundários e aprende inglês com perfeição. Em 1905 retorna para Lisboa e ingressa na faculdade de Letras para cursar Filosofia. Desiludido da vida acadêmica, desiste, e estuda por sua conta filósofos gregos e alemães. Fernando Pessoa morre em 30 de novembro de 1935, em Lisboa. Fernando Pessoa é um dos mais extraordinários poetas do século XX, o que se tem publicado até os dias de hoje, é muito importante na avaliação da grandeza de seu talento.

É dentro desse contexto social que se destaca em Portugal, Fernando Pessoa, poeta que grandemente incentivou as tendências vanguardistas, pois sua intenção de satirizar o processo de transição, fazia-o lançar num período curtíssimo, sucessivas correntes estéticas: o paulismo, o sensacionismo, o interseccionismo, o futurismo e o neopaganismo.

2.1 – Os Heterônimos

Para falar de forma ainda mais ampla e criativa, despersonalizou-se, vestindo-se de várias "personas", ou seja, criou heterônimos a fim de se extravasar, à produzir obras multifacetadas e com estilo próprio. Seus principais heterônimos foram: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, sendo que cada um deles gozava de "vida própria", isto é, possuía biografia, um passado, um aspecto físico característico, uma letra, um estilo e até um ponto de vista.

Numa carta em 13 de janeiro de 1935, ao poeta e crítico, Adolfo casais Monteiro, Pessoa fala sobre a sua despersonalização – a criação dos heterônimos. Nessa carta Pessoa apresenta uma resposta à pergunta de Monteiro, sobre a origem de seus heterônimos.

> *"(...)Desde criança que tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou o que não existe) (...). Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos caráter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, ,que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar.*
> *(...) Esta tendência para criar em mim um outro mundo, igual a este, mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais, esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou."*

Sobre os principais personagens criados por Pessoa, ele diz que construíra as suas vidas e as suas idades. Ricardo reis, nasceu em 1887, no Porto, era médico e no momento morava no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915. Nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação. Álvaro de Campos nasceu em Tavira em 1890. Era Engenheiro Naval,

mas estava em Lisboa em inatividade. Perguntando como ele escrevia em nome desses três personagens por ele criados, ele diz: "(...) Caeiro por pura e inesperada inspiração ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis depois de um a deliberação abstrata, que subitamente se concretiza uma Ode. Campos quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o que."

A heteronímia em Fernando Pessoa, não tem explicação lógica, como ele mesmo precisa em sua carta a Casais Monteiro, mas há por parte de alguns críticos, a discussão de que a questão heteronímica está associada ao sobrenome "Pessoa", ou Persona, que no sentido etimológico da palavra, significa máscara. Esse entendimento, dentre outros, é uma das explicações para as várias personalidades assumidas por Fernando Pessoa. SEABRA (1998, 28), onde fala sobre os heterônimos pessoano, questiona:

> *"Ora, que são esses nomes a não ser 'figuras' no seu sentido etimológico, como também os designou o poeta?*
> *Máscaras ainda, portanto, mas não de um rosto, e sim de uma máscara, qual é literalmente pessoa, de "seu nome". Eis o ortônimo "ele mesmo" volvido heterônimo: máscara por sua vez de máscaras, numa reversibilidade in,finita: 'Quando quis tirar a máscara/Estava pregada à cara', constata Álvaro de Campos.*

A concepção heteronímica é muito complexa no que diz respeito à sua explicação, mas mesmo que se fale de Fernando Pessoa "ele mesmo" ou de seus heterônimos, SEABRA (1991:141), diz que, *(...) o que a nós mais importa, de um ponto de vista poético, é tomá-lo aqui não na sua identidade biográfica e psicológica privada, mas enquanto encarnação (enquanto "persona": máscara no sentido etimológico) do polo subjetivo do poetodrama – o que explicaria o recurso por sua vez, o seu nome pessoal.*[1]

---

[1] SABRA. José Augusto. Fernando Pessoa ou o Poetodrama. São Paulo, Perspectiva.

Uma explicação talvez plausível para a despersonalização, uma vez que vista sob uma ótica subjetiva, na qual o poeta se desdobra assumindo várias personalidades a fim de obter a pluralidade poética, na qual cada poeta e suas poesias, apresentam uma forma e manifestação criativa distinta, com estilo distinto, não só na obra heterônima, mas também ortônima. Ao dar vida aos heterônimos, nasce também a doutrina sensacionista, que pessoa cria, não só para técnica de composição, mas como uma nova poética a ser instaurada.

2.2 – O Sensacionismo

A doutrina sensacionista opera com um intenso trabalho de reflexão a partir do conceito de sensação. Entende-se por sensação, a impressão de espírito de sentir as coisas, ser tocado pelos acontecimentos, quer sejam extraordinários ou não. O sensacionismo considera a sensação como elemento fundamental de toda a experiência consciente. Ou seja, Pessoa contrapõe o abstrato da consciência com a sensação objetiva do mundo externo, dando origem a um conceito de sensação como sinônimo da realidade, haja vista a fusão do subjetivo (abstrato da consciência) com o objetivo (mundo externo).

A realidade vista sob o prisma da sensação seria uma realidade ao mesmo tempo que subjetiva, objetiva. Essa realidade, a partir desse conceito serviria, como acredita ORDÓÑEZ (1994, 45), *(...) como a reconstrução do Universo, mundo externo ao caos abstrato, de acordo com um esquema em harmonia com a psicologia...*[2]

---

[2] ORDONEZ, Andrés. Fernando Pessoa: um místico sem fé. Rio de janeiro, Nova Fronteira, 1994, pág. 46

Em 1924, Pessoa escreve num rascunho que os dados sensíveis podem ser de três tipos: *Os que são propriamente sensações, dados diretos dos sentidos; os que resultam da transmissão direta de sensações e impressões alheias, colhidas no convívio social; e os que resultam de influências indiretas, impressões colhidas em livros, em museus, em laboratórios.*

Sobre o primeiro dado sensível, elencado por Pessoa, trata-se da informação sobre o mundo exterior ou caos abstrato proporcionado pelos sentidos, a esse se dá o nome experiência. Já os outros dois trata-se de assimilação intelectual fora da meditação consciente e a esse se chamam cultura. Segundo ORDÓÑEZ alguém que consegue incorporar em si as experiências alheias, enriquece sua visão da realidade, sua sensação. Para ORDÓÑEZ, *cada homem ao processar por meio de seu intelecto os dados sensíveis percebidos, organiza de maneira inteiramente própria, em virtude de seu 'temperamento individual', o caos abstrato, construindo assim a realidade ou, mais exatamente sua versão de realidade: sua sensação."*

Sendo assim, percebe-se que a "sensação" a qual propõe Fernando Pessoa, trata-se da capacidade que o homem tem de juntar os dados dos sentidos, inerentes de cada ser humano, ao conhecimento adquirido através das experiências e pesquisas psicosociais, que darão suporte para a elaboração do universo de sensações, sendo que quanto mais dados oferecidos à inteligência, maior a capacidade de sentir a realidade ou ter sensações.

2.3 – A Abstração

Considerando que este assunto sobre sensação é de relevada importância para o entendimento da poesia futurista em Álvaro de Campos, e por tratar-se de um

conteúdo bastante complexo e profundo, necessita-se, portanto, de uma investigação sobre o conceito de abstração em Fernando Pessoa e a sua conseqüente utilização por Álvaro de Campos.

Para Fernando Pessoa, a arte é o aperfeiçoamento do mundo exterior. Sendo assim, todo o material da obra de arte repousa sobre uma abstração – a abstração da realidade. Ao consultarmos o Dicionário Brasileiro Globo, notamos que este conceitua abstração como sendo: o ato de abstrair; consideração insulada de coisas realmente unidas; arroubamento do espírito, e ainda, abstrair consiste em separar-se mentalmente, concentrar-se e etc.

Para Pessoa, a arte tem por base a abstração da realidade, a qual tenta reaver a realidade, idealizando-a. Quanto mais se abstrai, maior a capacidade de influenciar.

Fernando Pessoa considera três grandes tipos de arte: cujo fim é entreter, agradar e influenciar. A arte quem tem por finalidade influenciar são: a música, a literatura e a filosofia. Para Pessoa a "arte é o aperfeiçoamento do mundo exterior", isto é, a arte que é capaz de influenciar é também capaz de modificar. Para que aconteça essa modificação exterior, tem que acontecer a máxima abstração da realidade a fim de proceder a uma obra de arte de qualidade a qual possa estar aumentando a autoconsciência do indivíduo.

Fernando Pessoa coloca a literatura como sendo o "topo da pirâmide", isto é, ocupa o primeiro lugar no ato de influenciar. Pessoa diz que "a prosa é as palavras dispostas na melhor ordem; a poesia, as melhores palavras dispostas na melhor ordem".

E para se obter uma poesia de alto grau de influência, e "com as palavras dispostas na melhor ordem", faz-se necessário que o poeta seja extremamente intelectual e igualmente imaginativo, que entre em despersonalização e viva os

estados da alma os quais não tem diretamente. Este poeta é considerado por Pessoa, "dramático", e para ele é o melhor dos melhores. Pessoa atribui essa honra a poucos, entre os quais destacam-se Willian Shakespeare e ele mesmo.

O exercício de despersonalização que ocorre em Fernando Pessoa é constantemente ligado a um drama. Ou seja, o poeta desdobra-se em personalidades que correspondem a uma diversidade estilística na qual a relação entre sensacionismo e heteronímia é indissolúvel. Essa despersonalização é a própria abstração e é pensar e sentir como o outro faria. Pessoa busca através de seus heterônimos elaborar de maneira inteiramente própria outra e outras versões da realidade, outras 'sensações'. Ele busca enxergar de outra forma que não somente a sua própria.

Ao despersonalizar-se, Fernando Pessoa usa de heterônimos para melhor tratar de suas sensações. Ao dar vida aos mesmos, Pessoa cria um heterônimo que é considerado o poeta sensacionista, ou, o poeta das sensações, o qual é batizado pelo nome Álvaro de Campos.

Dentre as diversas produções de Álvaro de Campos "Ode Triunfal" é sem dúvida a que mais retrata com fidelidade o estilo de uma poesia eminentemente futurista. Álvaro de Campos é tido como "O Poeta do Olhar Moderno". Segundo OLIVEIRA (1999:401), *Álvaro de Campos é o heterônimo mais turbulento de Fernando Pessoa. É o poeta da erupção emocional, aquele que seqüestra o leitor, é a vertigem das sensações modernas, da volúpia, da imaginação, da energia explosiva.*

CAPÍTULO III

A IMAGEM DA VIDA MODERNA EM ODE TRIUNFAL: ENTRE A EUFORIA E A FRUSTRAÇÃO

> *Ó coisas todas modernas,*
> *Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima*
> *Do sistema imediato do Universo!*
> *Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!*
>
> (Pessoa, Fernando In: Poesias de Álvaro de Campos. Ode Triunfal. Editora Martins Fontes, pág. 17, 1993)

O poema *Ode Triunfal* é um dos poemas mais apoteóticos da língua portuguesa, configurando a emergência do mundo mecânico diante da miserabilidade e da fragilidade humana nos tempos modernos que aproximam. O poema descreve com todo entusiasmo possível a imagem da modernidade que adentra em Portugal.

O poeta descreve essa nova realidade material que começa a definir uma modernidade totalmente impensada pelos antigos; assim, o tema que o heterônimo Álvaro de Campos canta apresenta um misto de euforia com frustração. Eufórico com a magnitude de um mundo inpulcionado pela força e velocidade das máquinas, que imprimem novo ritmo ao cotidiano das sociedades em que a revolução industrial aconteceu.

Portugal faz parte daquelas sociedades em que as conquistas tecnológicas vão chegando e integrando o mundo. Esse fabuloso mundo que divide a sociedade entre as massas assalariadas e a burguesia industrial e financeira.

A frustração que Álvaro de Campos deixa escapar após atingir o auge da euforia é sempre de não poder se tão completo e perfeito com uma máquina. Campos demonstra a incompletitude do ser humano, a impotência diante do mundo moderno, a incerteza. O poeta louva com excesso esse novo mundo moderno, considera que tudo é mais uma nova forma com que Deus se revela proporcionando ao homem conquistar o bem-estar, é a forma de Deus nos revelar – uma revelação metálica.

A máquina e as coisas modernas são os novos messias anunciando e inaugurando uma outra relação do homem com o mundo em que vive. Por isso, o poeta começa seu poema *À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica*, em que marca definitivamente o distanciamento entre as poesias que envocavam a vida bucólica e evasiva.

Campos evoca a vida cotidianamente veloz e marcadamente moderna em suas contradições, *Ó fábricas, ó laboratórios, ó music-halls, ó Luna-Parks/ Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes --/ Na minha mente turbulenta e incandescida...*[3]; assim, Campos apresenta o formidável mundo que vê diante de seus olhos sob a dolorosa luz, considera isso um espetáculo que os antigos jamais poderiam imaginar; mas que nesse mundo novo estão *todo o presente e todo o passado e todo o futuro*. Inevitavelmente, não se pode excluir que nada poderia existir sem os pensadores da antiguidade que inauguraram a nossa forma racional de pensar o mundo e que nos conduziu ao avanço tecnológico, é por isso, é que *há Platão e Virgilio dentro das máquinas e de luzes elétrica*. Eles também são os responsáveis pelos *Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força*.

---

[3] Pessoa, Fernando In: Poesias de Álvaro de Campos. Ode Triunfal. Editora Martins Fontes, pág. 17

Mas a incompletude humana diante do avassalador mundo das máquinas acompanha inevitavelmente após a exaltação que o poeta faz a todas as coisas modernas: *Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime*. E ainda se pode encontrar no poema o desejo que o poeta vai expressando em relação a potencia do mundo mecânico: *Ser completo como uma máquina*. O poeta projeta para a exterioridade cotidiana em que as coisas modernas penetram no espírito humano de tal forma que o seu desejo é penetrar no espírito da maquina. A vida moderna se desenha com a velocidade e as coisas todas modernas que vieram para transformar a vida do homem europeu.

Álvaro de Campos se considerava o poeta do "sensacionismo", ou como o poeta das "sensações". Assim, Álvaro de Campos extrava-se em emoções na em *Ode Triunfal*, na qual ele a o poder e a beleza dos maquinismos de uma fábrica moderna. Campos mostra ter uma visão muito atenta a alteração do cotidiano europeu, ele tem uma visão da modernidade que chega definitivamente, por isso não deixa de registrar em seu poema as "horas européias, produtoras, entaladas/ Entre maquinismos e afazeres úteis! / Grandes cidades paradas nos cafés..." [4]

Álvaro de Campos adequada ao ritmo dos objetos de suas sensações inova profundamente com *Ode Triunfal* ao apresentar a sua concepção dinâmica de sentir o novo mundo que ora inicia-se em transformações. Sua capacidade de sentir a dimensão da aproximação do futuro, perpassa a visão do aqui agora, para firmar-se no momento como um todo. Ou seja, o presente que assola a mediocridade do passado clássico vêm, ao mesmo tempo, instaurar uma nova era no mundo, o nascer

---

[4]Idem, pág. 17

de um novo século comprometido com a civilização industrializada e ao universo das máquinas.

Em Ode Triunfal revela-se uma poesia moderna na qual o autor destina-se a antecipar o futuro dentro de uma poética voltada para a contemporaneidade, na tentativa de captar a multiplicidade da vida moderna, seu ritmo extravagante e novo. O mundo novo que já é real, em que as famílias ricas desfilam sua ostentação pelas avenidas, ao mesmo tempo em que mendigos e vadios de todas as origens estão ocupando as vias publicas. No admirável mundo novo tudo se encontra na rua, nos lugares públicos, na vida moderna as pessoas sentem o desejo de se mostrarem, seja com um automóvel ultimo modelo, seja em sua visível miserabilidade. Sejam as *burguesinhas, mãe e filha geralmente*, seja a graça feminil e falsa dos pederastas. As noticias estupefatam o povo, mas se tornam comuns, as corrupções corriqueiras. Todos os problemas que a modernidade herdou do passado.

Ao se descrever sensacionista, o poeta sente através de um intenso trabalho de reflexão, a agitação convulsiva de seu interior, ao perceber a modernidade se fundindo ao presente mundo estático, '*Tenho febre e escrevo'*. Seu estado febril, caracterizado por uma grande perturbação de espírito, tende a cantar a beleza do novo. O futuro que há de vir, já está presente na nova sociedade. Essa perturbação decorre da extravagância das máquinas 'beleza totalmente desconhecida dos antigos'.

A forma do poeta ver o mundo com seu progresso científico, antecipa o futuro que gera um desprezo pelo antigo, que ao mesmo tempo que o atrai, causa repugnância frente a vida moderna que ora organiza-se, *Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno/ Forte espasmos retidos dos maquinismos em fúria!/ Em fúria fora e dentro de mim*. Seu poder de sentir a proximidade do futuro gera fúria, fora e dentro do poeta.

Essa mesma fúria das máquinas, concentra-se poderosamente em Álvaro de Campos e o leva a perceber a glória, o esplendor mecânico que vem sobrepor ao homem. A capacidade de seu exercício intelectual é transportada para uma atitude artística futurística revelada no triunfo das máquinas, que vem para exercer seus 'grandes ruídos modernos'.

O drama vivido por Álvaro de Campos está em exprimir antecipadamente as neuroses da vida moderna. *Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos/ De vos ouvir demasiadamente de perto/ E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso/ De expressão de todas as minhas sensações/ Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!*; o poeta Álvaro de Campos, que é sensacionista por excelência, sofre de um excesso de expressão poética. SEABRA (1991:112), considera *que o poeta das odes futuristas leva o subjetivismo até ao seu excesso, ao objetivá-lo poeticamente (estamos, com a obra de Campos, perante um subjetivismo objetivo).*

A forma objetiva de lidar com o subjetivo faz de Álvaro de Campos o grande poeta moderno que encontra na nova sociedade o terreno propício às extravagâncias e consegue exaltar com consciência a vida moderna. O futuro que está por vir é cantado previamente em "Ode triunfal" assinala, não só o triunfo da máquina sobre o homem, como também rendido à força, completude e beleza dessa, *Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!/ Ser completo como uma máquina!/ Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!*

O excesso de objetividade ao falar de sua subjetividade, constitue o elemento fundamental da estética futurística de Campos, que incorpora elementos modernos a fim de exprimir a nova relação homem e máquina. Marinetti ao defender suas idéias futuristas, aparta-se das regras tradicionais, a combater o culto ao passado, a declarar

sua admiração pela máquina e a exaltação da mesma como forma de modernidade. Isso também é sentido e cantado por Álvaro de Campos em "Ode Triunfal".

FABRIS[5] (1987, 22), fala da máquina como um emblema representativo da nova sociedade futurista. *"Se a máquina é o símbolo, o 'monumento' de uma nova era, é porque a civilização intermédia, apesar dos conflitos, da falta de equilíbrio, conseguiu chegar a um novo ideal aglutinador, o trabalho.* Nesse sentido que coloca FABRIS vale lembrar que se a maquina traz não somente o trabalho, mas fundamentalmente apresenta *os* Seus pólos que *são o industrialismo e o mercantilismo; seus ideais a riqueza, a máxima produção, a expansão comercial, que conseguiram reunir todas as forças em torno de uma única vontade, a do capital*[6] Assim segundo FABRIS[7] (1987, 22):

> *Uma vez que o princípio da utilidade é o motivo dominante dessa civilização que se encaminha a largos passos para o estágio superior, seu testemunho mais fiel será o 'monumento do trabalho', isto é, a máquina, construção nova em relação ao passado, forjada numa nova matéria, o ferro. E se outros símbolos tangíveis tiverem que existir, eles não serão mais o templo ou o palácio, e sim o grande magazine, 'catedral da civilização', a Cidade-Oficina, a Bolsa, novo campo de batalha.*

FABRIS ao tecer argumentações, sobre a máquina e sobre os novos valores humanos com relação a essa, propõe exatamente o que Campos revela em sua poesia. A pertinácia em antecipar o futuro sublima a máquina e suas proezas a um a gloriosa coluna do futuro. Esse engrandecimento industrial é presente nos versos de "Ode Triunfal: *Adubos debulhadores a vapor, progressos da agricultura!/ Química agrícola, e comércio quase uma ciência!/ Ó mostruários dos caixeiros-viajantes, cavaleiros andantes da Indústria, / Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios! (...)/ (...) Eh,*

---

[5] Fabris, Annateresa. Futurismo: uma poética da Modernidade. São Paulo, 1986.
[6] Idem, pág. 22
[7] Idem, Ibidem

cimento armado, betom de cimento, novos processos!/ Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!/ Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!

Álvaro de Campos entusiasma e ao mesmo tempo decepciona-se com a força e futilidade do futurismo vindouro: 'Amo-vos carnivoramente, / Pervertidamente e enroscando a minha vista/ Em vós , ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis./ Ó coisas todas modernas, / Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima / Do sistema imediato do universo!/ Nova revelação metálica e dinâmica de Deus!

Campos se vale da ironia para descrever o contexto histórico de Portugal nas duas primeiras décadas, *A maravilhosa beleza das corrupções políticas,/ deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,/ agressões políticas nas ruas,/ E de vez de quando o cometa dum regicídio...*[8]

Todas as características supra citadas são marcantes no que tange o movimento futurista originalmente difundido por Marinetti, na Itália, as quais antecipadamente encontrou terreno fértil na mente sensacionista de Álvaro de Campos. Essa poética modernista é primeiramente percebida como realidade existente na grande Milão – Itália, em que FABRIS (1987:40), discorre sobre a construção do futurismo. "Esse clima exultante, essa constante ***ânsia de progresso,*** não alheios a ***profundos contrastes sociais,*** a ***freqüentes manifestações de protestos,*** constituem sem dúvida, o fundamento 'étnico do futurismo que só poderia ter tido como berço cidade moderna. E a cidade moderna só poderia ser Milão (...)". FABRIS, fala da ânsia do progresso, dos profundos contrastes sociais, das freqüentes manifestações de protesto, que constituem o "fundamento étnico do futurismo". Tudo isso marca presença precipitada em "Ode Triunfal":

---

[8] Fernando Pessoa. Poesias de Álvaro de Campos. Nova Fronteira, 1994, pág. 15

1 – ***da ânsia do progresso*** – 'Em febre e olhando os motores como uma Natureza tropical - / Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -/ Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro, / porque o presente é todo o passado e todo o futuro'.

2 – ***dos profundos contrastes sociais*** – 'Presença demasiadamente acentuada das cocotes; / Banalidade interessante (e quem sabe o que por dentro?)/ Das burguesinhas, mãe e filha, geralmente, / Que andam na rua com um fim qualquer (...); / Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma, / Que emprega palavrões como palavras usuais / Cujos filhos roubam às portas das mercearias / E cujas filhas aos oito anos – e eu acho isso belo e amo-o! - / Masturbam homens de aspecto decente nos vãos da escada. / A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para a casa/ Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão. / Maravilhosa gente humana que vive como os cães, (...).

3 – ***das freqüentes manifestações de protestos*** – ' Notícias desmentidas dos jornais, / Artigos políticos incinseramente sinceros, / Notícias passez-à-la-caisse, grandes crimes - / Duas colunas deles passando para a segunda página! / o cheiro fresco a tinta de tipografia! / Os cartazes postos há pouco, molhados!...

Os temas da modernidade estão nitidamente presentes em "Ode Triunfal". SEABRA (1991:129), diz que A "Ode Triunfal" seria aquela que pelo seu 'tema' – diria Campos mais se apresentaria ao futurismo: trata-se de um c canto à máquina, à vida mecânica e industrial, à 'civilização quotidiana' moderna.

Pela via das sensações Álvaro de Campos construiu uma poética voltada para modernidade na qual sua subjetividade marca presença objetiva na construção da nova realidade que se instaura. O *moderno* em *Ode Triunfal*, característica maior de Álvaro de Campos, é cantado com um dinamismo característico da vanguarda futurística de Marinetti. Essa por sua vez busca o novo, a velocidade, que se firma

graças ao passado dentro do presente o qual canta Álvaro de Campos: *Eia todo o passado dentro do presente! / Eia todo o futuro já dentro de nós! Eia!*

Para Campos, o futuro em *Ode Triunfal* é a maior marca do universo de suas sensações. O futuro é presente em sua subjetiva-objetiva realidade, totalmente expresso em sua poesia.

3. 1 -- A Estrutura da Poesia

Da análise realizada sobre o conteúdo de *Ode Triunfal*, podemos tirar o seguinte esquema que representa a estrutura do poema.

1 – Tema – O triunfo da máquina sobre os homens.

2 – I déia Geral do Texto

1ª parte – Expressão das sensações do poeta, ao descrever o triunfo da máquina.

2ª parte – Expressão do amor do poeta pela máquina nas suas mais variadas formas.

3ª parte – Expressão do .contraste do tumulto entre homem e máquina.

4ª parte – Expressão de comparação entre o desejo de relacionamento com a máquina, com o desejo de possuir uma bela mulher.

5ª parte – Expressão dos contrastes entre a capacidade da máquina e a miséria humana.

6ª parte – Expressão do contraste entre a precisão da máquina e a tragédia humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ode Triunfal pode ser considerada uma poesia futurista de grande relevância na produção poética de Fernando Pessoa. Com esse poema seus contemporâneos, Almada-Negreiros e Mario de Sá-Carneiro, vão considera-lo o mais futurista dos heterônimos de Pessoa, considerado um poeta moderno. Campos, ao produzir "Ode Triunfal", retrata as neuroses da vida moderna, tendo a máquina como a responsável pelo surgimento do novo e as conseqüências que esta trouxe.

Álvaro de Campos com Ode Triunfal demonstra como a sua concepção de *sensacionismo* que é expressão de suas sensações, chega ao auge. O poema é marcado pela visão da modernidade que adentra Portugal avassaladoramente. Uma modernidade que adentra trazendo a velha utopia de bem-estar à humanidade. Assim, Campos não deixa de intercalar a emergência do mundo da máquina sobre a miserabilidade do mundo humano.

Com a leitura de Ode Triunfal percebemos como o homem se mostra dividido em relação às novas perspectivas que apontam. Essa divisão é marcada por um lado pelo otimismo e do outro pelo pessimismo. Campos não consegue esconder a sua frustração diante do mundo mecânico. Não podendo ser com uma máquina ele finda seu discurso poético com uma outra ansiedade, a de poder ser toda gente em toda a parte. Essa ânsia de Campos nos mostra o quanto o homem se sente fragmentado na modernidade.

BIBLIOGRAFIA

AMORA, Antônio Soares. *O Mestre*. São Paulo: Green Forest do Brasil Editora, 1997.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A Literatura Portuguesa em Perspectiva* / Direção de Massaud Moisés. São Paulo. Atlas, 1994.

FABRIS, Annateresa. *Futurismo. Uma poética da Modernidade*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

LYRA, Pedro. *Conceito de Poesia*. Série Princípios. Ed. Atiça S.A. São Paulo, 1986.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. Arte Literária Portugal/ Brasil. Ed. Moderna.

ORDÓÑEZ, Andrés. Fernando Pessoa: um místico sem fé. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

RODRIGUES, Antônio Medina e outros. *Literatura Portuguesa*. Ed. Ática. 2ª edição. São Paulo, 1997.

PESSOA, Fernando. *Os melhores poemas de Fernando Pessoa* / Seleções de Teresa Rita Lopes – 9ª ed. – São Paulo: Global, 1997.

SEABRA, José Augusto. *O Heterotexto Pessoano*. Ed. Perspectiva S.A. São Paulo, 1988.

_____. *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*. Ed. Perspectiva, 2ª ed., São Paulo, 1991.

ANEXOS

DEFINIÇÕES DE TERMOS

De acordo com o **Dicionário Brasileiro Globo:**

1 – **Abstrair** – Separar mentalmente; considerar isoladamente; separar; apartar; alhear-se; fazer abstração; distair-se; concentrar-se. (Do lat. Abstrahere).

2 – **Despersonalizar** – Mudar a personalidade, o caráter a; tirar ou ,diminuir as características de; enjeitar a própria personalidade; proceder contrariamente a seu caráter.

3 – **Futurismo** – Movimento modernista que apartando-se de todas as regras tradicionais e combatendo o culto ao passado, busca inspirações no futuro; qualquer forma extravagante de arte.

4 – **Heteronímia** – Formação do gênero por meio de palavra de raiz diferente. (Do greg. Heteros + onyma).

5 – **Heterônimo** – Diz-se do autor que publica uma obra sobre o nome verdade,iro de outra pessoa; designativo da obra que um autor publica em nome de outrem; diz-se da formação do gênero por meio de palavra de raiz diferente;nome suposto com que um autor assina certas obras suas.

6 – **Ode** – Composição poética dividida em estrofes simétricas; composições em versos para ser cantada. (Do lat. Ode.)

7 – **Personalidade** – Caráter ou qualidade do que é pessoal; individualidade consciente; caráter essencial e exclusivo de uma pessoa; pessoa; personagem. (Do lat. Personalitate)

8 – **Sensacionismo** – Mania ou costume de provocar sensação, (filos) o mesmo que sensualismo; (psic.) doutrina que considera a sensação como elemento fundamental de toda experiência consciente.

ODE TRIUNFAL

Parte I

À DOLOROSA LUZ das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos amigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinqüenta,
Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Parte II

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável

Fraternidade com todas as dinâmicas!
Promíscua fúria de ser parte-agente
Do rodar férreo e cosmopolita
Dos comboios estrênuos,
Da faina transportadora-de-cargas dos navios,
Do giro lúbrico e lento dos guindastes,
Do tumulto disciplinado das fábricas,
E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!
Horas européias, produtoras, entaladas
Entre maquinismos e afazeres úteis!

Grandes cidades paradas nos cafés,
Nos cafés – oásis de inutilidades ruidosas
Onde se cristalizam e se precipitam
Os rumores e os gestos do Útil
E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do Progressivo!
Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!
Novos entusiasmos da estatura do Momento!
Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,
Ou a seco, erguidas , nos planos-inclinados dos portos!
Atividade internacional, transatlântica, *Canadian-Pacific!*
Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,
Nos Londillies e nos derbies e nos Ascots,
E Picadillies e Avenues de I´Opera que entram
Pela minh`alma dentro!

Hé-lá as ruas, hé-lá as prasças, hé-la-hó *la foule!*
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!
Comerciantes; vadios; *escrocs* exageradamente bem-vestidos;
Membros evidentes de clubes aristocráticos;
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes
E paternais até na corrente de ouro que atravessa o colete
De algibeira a algibeira!
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!
Presença demasiadamente acentuada das cocotes;
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)
Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,
Que andam na rua comum fim qualquer;
A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;
E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra
E afinal tem alma lá dentro!

Parte III

(Ah, como eu desejaria ser o *souteneur* disto tudo!)

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,
Agressões políticas nas ruas,
E de vez em quando o cometa dum regicídio
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais,
Artigos políticos insinceramente sinceros,
Notícias *passez à-la-caisse*, grandes crimes –
Duas colunas deles passando para a segunda página!
O cheiro fresco a tinta de tipografia!
Vents-de-paraitre amarelos como uma cinta branca!
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,
Como eu vos amo de todas a maneiras,
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfato
E com o tato (o que palpar-vos representa para mim!)

E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!

Adubos, debulhados a vapor, progressos da agricultura!
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

Ó fazendas nas montras!ó manequins! ó último figurinos!
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!
Olá grandes armazéns com várias seções!
Olá anúncios elétricos que vêm e estão e desaparecem!
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje é diferente de ontem!
Eh, cimento armado, betom de cimento, novos processos!
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!

Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera
Amo-vos carnivoramente,
Pervertidamente e enroscando a minha vista
Em vós, ò coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
Ó coisas todas modernas,
Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima

Parte IV

Do sistema imediato do Universo!
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó *music-halls*, ó Luna-Parks,
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes
Na minha mente turbulenta e incandescida
Possuo-vos como uma mulher bela,
Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não se ama,
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!
Parlamento, políticas, relatores de orçamentos,
Orçamentos falsificados!
(Um orçamento é tão natural como uma árvore
E um parlamento tão belo como uma borboleta.)

Eh-lá o interesse por tudo na vida,
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras
Até à noite ponte misteriosa ente os astros
E o mar antigo e solene, lavando as costas
E sendo misericordiosamente o mesmo
Que era quando Platão era realmente Platão
Na sua presença real e na sua carne coma alma dentro,
E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor
Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas!
Metam-me debaixo dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios!
Masoquismo através de maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

Up-lá hó jóquei que ganhaste o Derby,
Morder entre dentes o teu *cap* de duas cores!

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!
Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas,
E ser levantado da rua cheio de sangue
Sem ninguém saber quem eu sou!

Parte V

Ó *tramways*, funiculares, metropolitanos,
Roçai-vos por mim até ao espasmo!
Hilla! hilla! hilla-hô!
Dai-me gargalhadas em plena cara,
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,
Rio multicolor anônimo e onde eu me posso banhar como quereria!
Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto
E os gestos que faz quando ninguém poder ver!
Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas
Nas ruas cheias de encontrões!

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,
Que emprega palavrões como palavras usuais,
Cujos filhos roubam às portas das mercearias
E cujas filhas aos oito anos – e eu acho isto belo e amo-o! –
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.
A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa
Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.
Maravilhosa gente humana que vive como os cães,
Para quem nenhuma religião foi feita,
Nenhuma arte criada,
Nenhuma política destinada para eles!
Como eu cós amo a todos, porque sois assim,
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,
Inatingíveis por todos os progressos,
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!

(Na nora do quintal da minha casa
o burro anda à roda, anda à roda,
é o mistério do mundo é do tamanho disto.

Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.
A luz do sol abafa o silêncio das esferas
E havemos todos de morrer,
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa
Do que eu sou hoje...)

Parte VI

Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!
Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.
E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de todos os comboios
De todas as partes do mundo,
De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,
Que a estas horas estão levantando ferro ou afastando-se das docas.
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

Eh-lá grandes desastres de comboios!
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,
E outro Sol no novo Horizonte!

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,
Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,
O Momento estridentemente ruidoso e mecânico,
O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes
Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,
Instrumentos de precisão, aparelhos de triturar, de cavar,
Engenhos, brocas, máquinas rotativas!
Eia! eia! eia!

Eia eletricidade, nervos doentes da matéria"
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!
Eia todo o passado dentro do presente!
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
Eia! eia! eia!
Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!
Eia! eia! eia!, eia-hô-ô-ô!
Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.
Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.
Giro dentro das hélices de todos os navios
Eia! eia-hô eia!

Eia! sou o calor mecânico e a eletricidade!

Eia! e os *rails* e as casas de máquinas e a Europa!
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

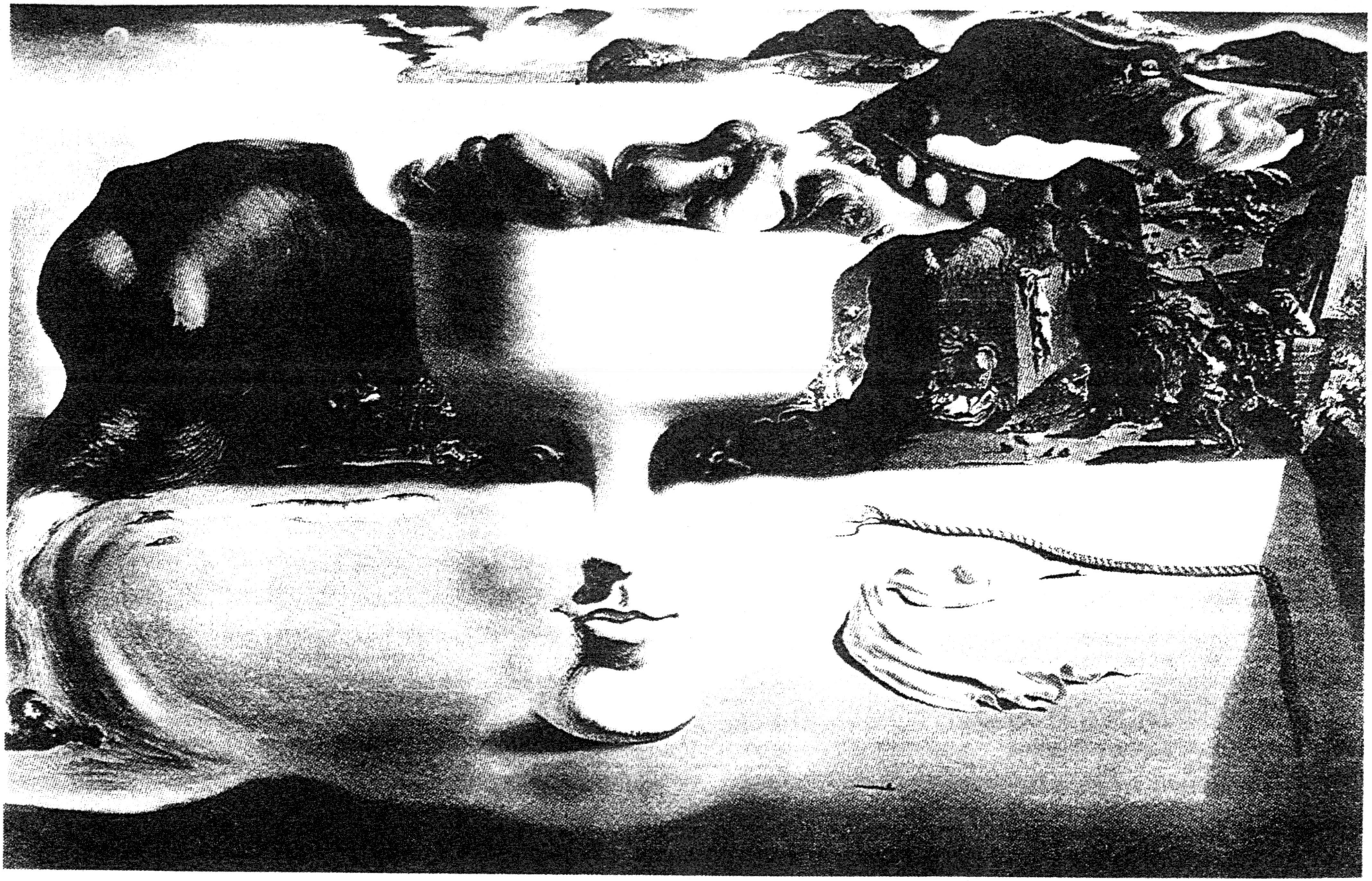
Hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!
He-lá! He-hô Ho-o-o-o-o!
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

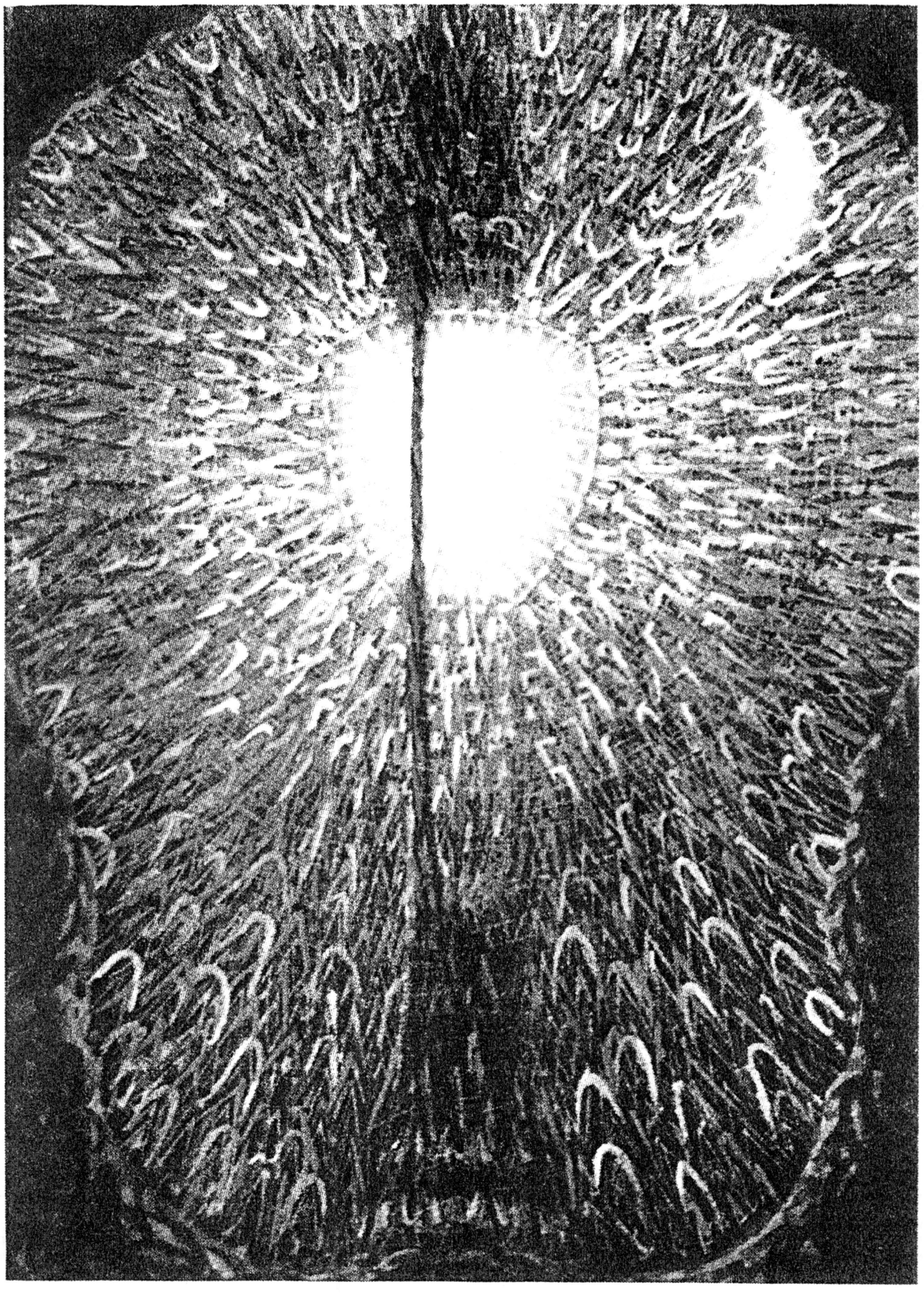


BIBLIOTECA DA CASA DE PORTUGAL, SP

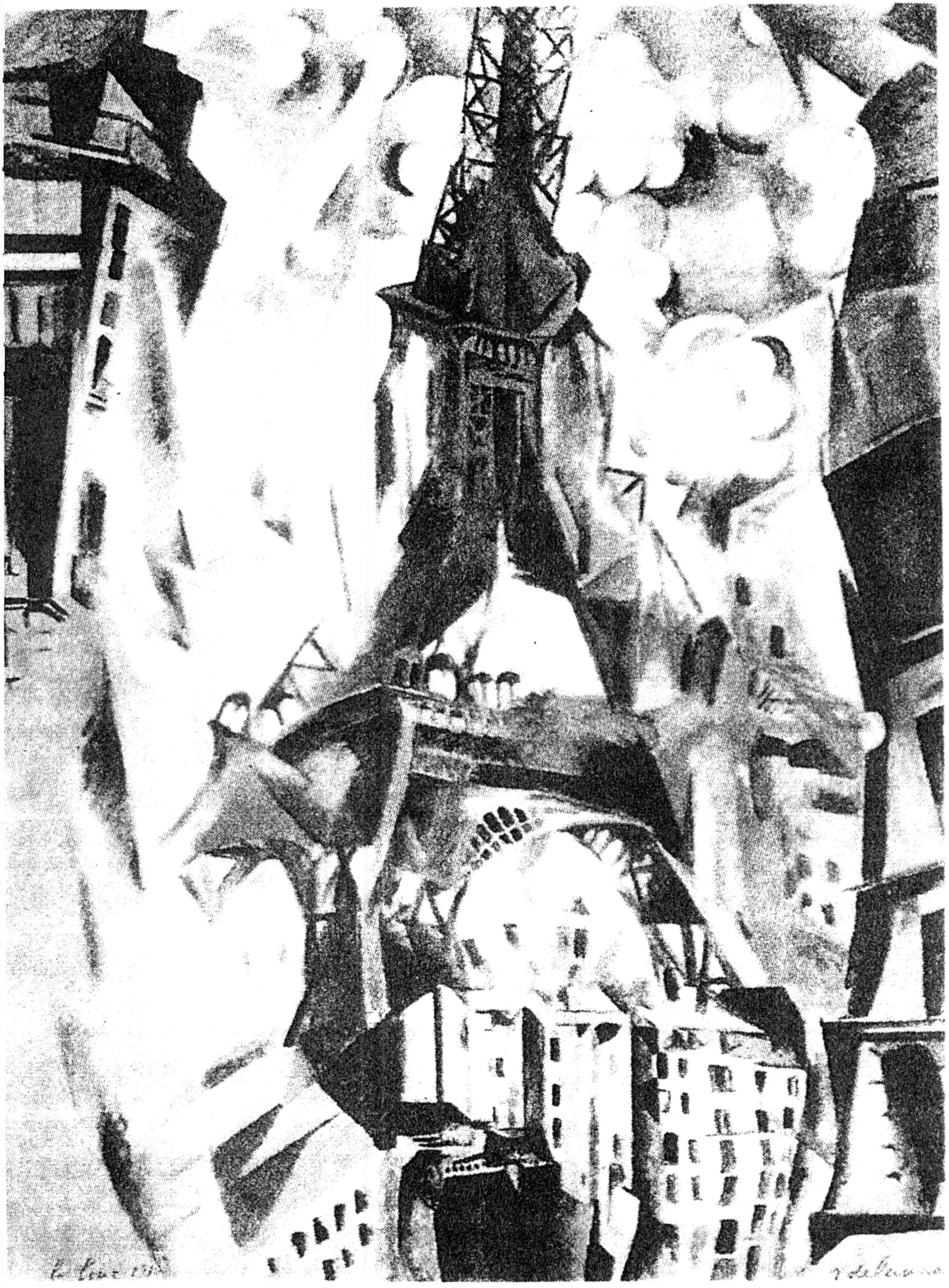
Pintura mural na Gare Marítima da Rocha Conde de Óbidos (1946-48). Almada Negreiros (1893-1970).



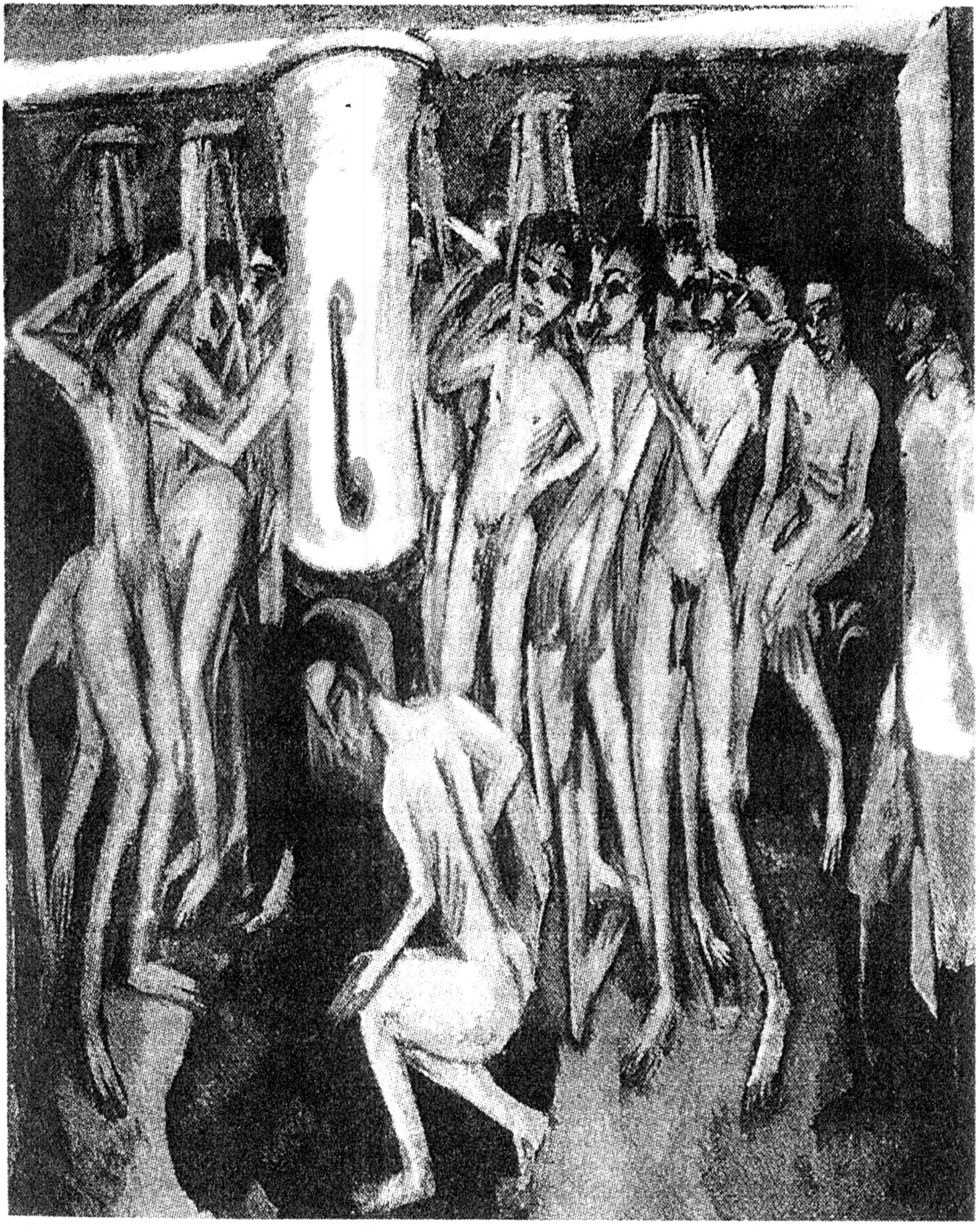
Surrealismo: *Aparição de Rosto e Fruteira numa Praia* (1938). Salvador Dalí (1904–1989).



Futurismo: *Estudo de Luz* (1909). Giacomo Balla (1895–1911).



Cubismo: *Torre Eiffel* (1911). Robert Delaunay (1885–1941).



Expressionismo: *Artilheiros* (1915). Ernst Ludwig Kichner (1880–1938).